

denominação
Fazenda Maravilha (do Governo)

código
AIV - FO3 - PS

localização
Estrada das Marrecas, s/nº

município
Paraíba do Sul

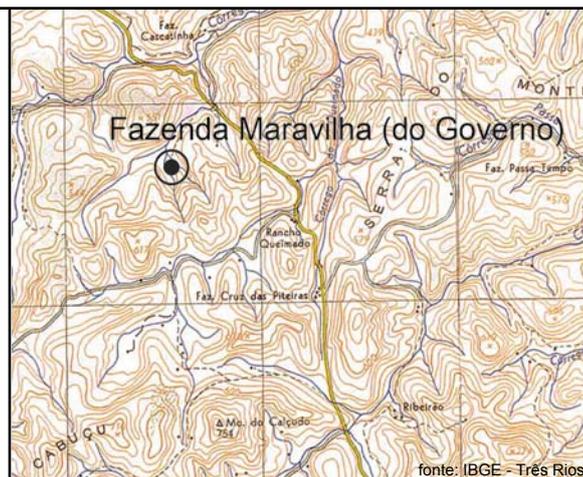
época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

Fazenda cuja casa-sede está implantada as margens de córrego que a circunda, tendo sua fachada principal voltada para jardim cercado por muro, com acesso pavimentado e paisagismo elaborado, com estatuária, lagos, pequenas rodas d'água, ponte em ferro, aqueduto com comportas, canaletas para condução de água à usina, tubulação aérea guarnecida por telheiro em barro e engradamento em madeira, bacia natural para, segundo lenda local, o banho das donzelas.



01



06



09

coordenador / data
equipe
histórico

Domingos Espíndola de Aguiar - jan 2008
Elomir Gumiero de Moraes e Saulo
Adriano Novaes

revisão / data
Alberto Taveira - abr 2008

O jardim mantém arvoredo que conjuga frutíferas e outras espécies, como palmeiras, bambus e flamboyants, contando ainda com queijeira e pátio de café (f.1, 3, 7, 12, 17, 21, 25, 34, 46, 50, 82, 87, 141 e 143).



04



05



07



13



17



22



28



94



142



145

Casa-sede composta por edificação térrea sobre porão habitável, caracterizada por manter, na fachada principal, um piso apenas e nas demais, dois.

A fachada principal é modulada por 13 vãos em verga reta, sendo 12 de janelas e um de porta, a entremeá-los, ao centro dos mesmos (f.10, 89, 102, 105 e 137). Completa a composição, transformando-a, assim, em excêntrica, no extremo lateral direito, empena com seteira retangular, na projeção da capela. Finaliza esta fachada o beiral acachorrado com telhões em louça pintada e o característico telhado de ponto elevado e cobertura por telhas capa e canal.

Os vãos de janelas possuem esquadrias em guilhotina de madeira pintadas de branco, com caixilhos de vidro, mantendo as superiores interessante trabalho em serralha, que inscreve arco pleno e pétalas de flor em seu enquadramento. São guarnecidas internamente por persianas contemporâneas. A porta apresenta a mesma configuração básica, possuindo, em seu terço inferior, almofadas nas cores azul, vermelha e amarela. Antecede-a pequeno alpendre sobre escada, com estrutura de madeira, forro em gamela e cobertura em folhas de flandres (f.103, 105 e 135). Todos os vão possuem cercaduras em madeira pintadas de vermelho.

Os beirais em toda a volta da casa-sede, exceto na fachada principal, sobre as janelas da fachada de fundos e sobre a varanda da cozinha, mantêm cachorros sob forro de madeira (f.1, 9, 19, 85, 91, 102 e 104).



02



19



31



40



63



70



72



73



75

Como elementos atípicos a esta casa-sede, elencam-se os arcos de três centros com cercadura em madeira na sala voltada à fachada de fundos, que denunciam uma possível varanda alpendrada existente no passado (f.70, 89, 119, e 120), além dos vãos de portas e janelas do pavimento nobre das fachadas laterais, com vergas e sobrevergas em arco abatido.

A fundação foi executada em muro de arrimo em pedra, isolando a casa-sede do córrego, com paredes estruturais em pedra e de vedação em pau-a-pique – há duas “vigias” em vidro para visão dessa técnica construtiva –, além de algumas partes de outras paredes em adobe.

A estrutura apresenta pilares, frechais e madres em madeira, bem como pisos, forros e o engradamento do telhado.

A capela, contígua ao alpendre / varanda vidrado, possui acesso direto ao quarto principal da casa.



81



85



88



98



100



102



103



105



107



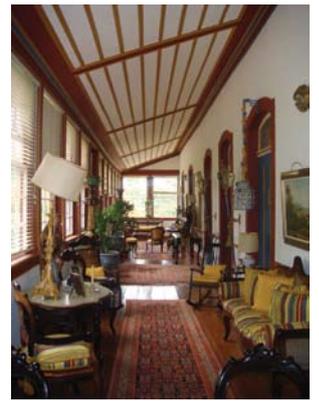
108



111



113



114



118



120



121



122



126



128



133



138

Foi observado apenas uma trinca com o conseqüente deslocamento do emboço / reboco em parede do porão. Conforme informações do administrador da fazenda, engenheiro Luiz Fernando Figueiredo, foi necessário reforço estrutural – feito em material contemporâneo – para conter erosão nas fachadas lateral esquerda e de fundos, que já começava a comprometer, desestabilizando este trecho da construção (f.9 a 12, 16, 20, 59, 88 e 93).

As paredes de vedação estão em bom estado, apresentando apenas uma trinca na parede do salão, provavelmente apenas no nível do emboço, visto que não há, no porão, nenhuma indicação de problemas estruturais aparentes nesta área. Igualmente as portas e janelas não apresentam sinais de deterioração (f.1, 2, 9, 11, 16, 57, 59, 61, 63, 70, 88, 101 e 135 a 137).

Na cobertura, algumas telhas sem fungos denotam substituição recente e as telhas dos beirais da fachada principal; sobre as janelas da fachada de fundos; e o da cobertura da varanda que dá acesso à cozinha são em porcelana decorada, já existentes quando da compra da fazenda pelos atuais proprietários (f.1, 6, 81, 87, 88, 97 e 101).

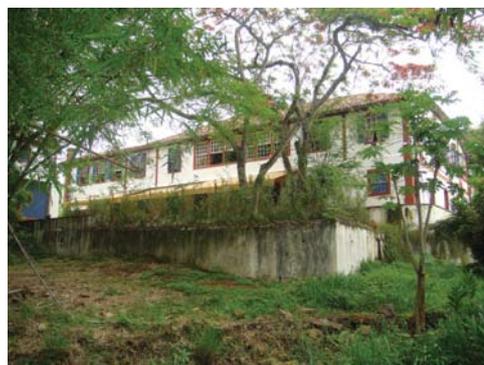
Os pilares, frechais, madres, caibros, esquadrias e ripamento de madeira, sofreram processo de descupinização e de recomposição de elementos faltantes, recebendo, também, pintura de manutenção. Há indícios, presentes nas vigas de madeira do porão, de remanejamento de pilares de madeira (f.9, 11, 52 a 55, 57, 59 a 61, 73, 75, 81, 100 e 118).



11



12



16



43



52



53



55



57



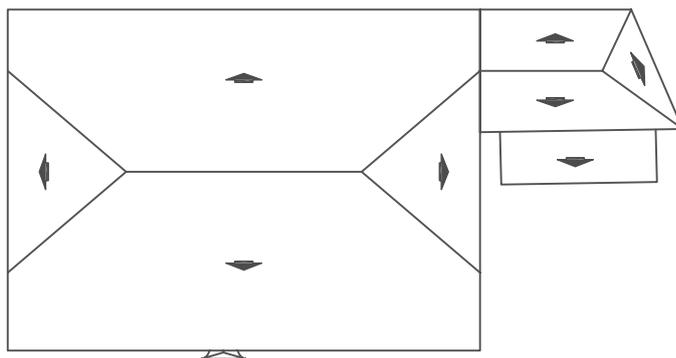
59



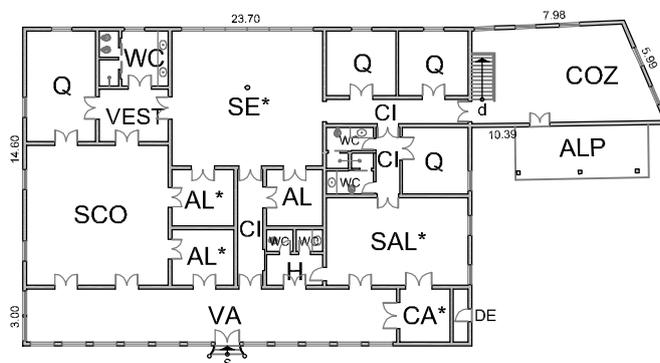
136

Observações:

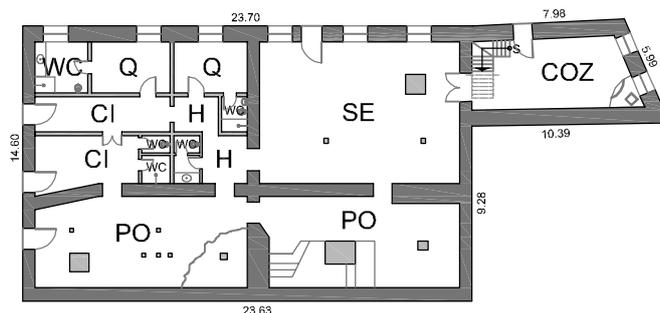
1. O porão teve seus espaços adaptados para o uso atual;
2. Os ambientes identificados (*) receberam forros provenientes de outro imóvel.



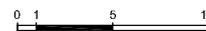
3 Planta Baixa da Sede - Cobertura escala: 1/400



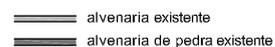
2 Planta Baixa da Sede - 1o. PAV escala: 1/400



1 **FAZENDA MARAVILHA**
Planta Baixa da Sede - Porão escala: 1/400



AL - alcova	COZ - cozinha	PO - porão	SE - sala de estar	VEST - vestíbulo
CA - capela	DE - depósito	Q - quarto	SCO - sala de conferência	WC - banheiro
CI - circulação	H - Hall	SA - salão	VA - varanda	



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIV - F03 - PS

1/1

equipe: Domingos E. de Aguiar/ Elomir G. de Moraes/ Saulo R. de Souza	desenhista: Elomir Gumiero de Moraes	revisão: Francyla Bousquet	data: nov 2007
--	---	-------------------------------	-------------------

De acordo com a memória de sesmaria existente no Arquivo Nacional, em 30 de dezembro de 1703, Jorge Pedroso de Souza, coronel do Regimento de Ordenanças da Vila de Paraty, requereu uma sesmaria. Obteve a concessão da sesmaria pretendida em 22 de março de 1723. Jorge Pedroso de Souza a vendeu ao capitão José da Costa Almeida por escritura de 14 de agosto de 1723. José da Costa Almeida e sua mulher, D. Maria Ribeiro, venderam a sesmaria ao governador Aires de Saldanha e Albuquerque Coutinho Matos Noronha, em 16 de agosto de 1728, representado na pessoa de seu bastante procurador José Ferreira da Fonte, que, em 1703, fundara a fazenda que denominou “Secretário”, título de seu cargo e que é a origem da localidade de igual nome, atual distrito de Petrópolis.

O governador e capitão-general da cidade do Rio de Janeiro, Aires de Saldanha e Albuquerque Coutinho Matos Noronha, adquiriu a sesmaria chamada de “Sesmaria do Governo”. Daí, o antigo nome, que a fazenda teve por muito tempo: “Fazenda do Governo”. O novo proprietário doou a metade dessa sesmaria à Santa Casa de Misericórdia da Corte e esta vendeu a sua parte ao Dr. Manoel Correa Vasques, como declara a escritura feita a 11 de julho de 1741. Poucos meses depois, Pedro Dias Paes Leme tornou-se dono dela, por compra efetuada a 21 de setembro de 1741. Pedro Dias Paes Leme vendeu a propriedade a Caetano Borges da Costa e esposa, em 7 de abril de 1750. O casal teve duas filhas. Morrendo Caetano Borges da Costa, sua viúva casou-se com Manoel José Dias, e em 5 de dezembro de 1792 vendeu sua parte aos genros, o sargento-mor Antônio José da Cunha e o capitão Antônio José da Costa Barbosa.

O capitão Antônio José da Costa Barbosa tornou-se dono de toda a “Fazenda do Governo”, não só porque herdou uma parte, por ser “cabeça de casal” de sua mulher, como também porque comprou os quinhões dos demais co-herdeiros. Por morte de Antônio José da Costa Barbosa, suas propriedades passaram a suas filhas. Das outras duas terças partes da “Fazenda do Governo” deixadas por Antônio José da Costa Barbosa, couberam, uma à sua filha Pulicena Augusta, casada com o espanhol D. José Antônio Linhares. Esta parte, que compreendia a sede da fazenda, é que mais tarde passou a chamar-se “Fazenda do Governo Velho”. E a outra à sua filha Francisca Cândida, casada com o Dr. Luis Nicolau Favre, os quais construíram, nessas terras, para sua residência, o prédio da atual “Fazenda do Eremitório”, com suntuosa capela interior, na qual eram celebradas regularmente missas, assistidas por muitos escravos e vizinhos.

O Dr. Luis Nicolau Favre era de origem suíça e formado em Ciências Físicas e Naturais. Ficando viúva do Dr. Luis Nicolau Favre, casou-se D. Francisca Cândida, a 4 de outubro de 1847, com o Dr. Joaquim Antônio Pereira da Cunha, advogado e inventariante do espólio. O qual se tornou, assim, o décimo proprietário da “Fazenda do Governo”. D. Francisca Cândida, querendo ajudar o Dr. Joaquim Antônio Pereira da Cunha, resolvera se casar com ele “por ser um rapaz pobre”, que embora não dispusesse de posses, passara por uma Faculdade de Direito e era da família do Marquês de Inhambupe, Antônio Luís Pereira da Cunha, homem de grande destaque no Império.

Possivelmente foi quem conferiu à fazenda o seu aspecto atual, com elementos do século XVIII. Durante o tempo em que a “Fazenda do Governo” pertenceu ao Dr. Joaquim Antônio Pereira da Cunha, foi visitada por viajantes ilustres, entre eles Charles de Ribeyrolles, publicista e político francês. Também lá esteve o Dr. Auguste François Marie Glaziou, botânico francês, que se transferiu para o Brasil em 1860. Foi responsável, entre outros trabalhos significativos, pela modernização paisagística dos jardins do Passeio Público do Rio de Janeiro e chegou a ser diretor dos Jardins Imperiais em 1868. Além destes, o Conselheiro José Saldanha da Gama, lente da Escola Politécnica, a freqüentou.

A princípio, o Dr. Joaquim Antônio Pereira da Cunha viveu em harmonia com D. Francisca, melhorando sempre a fazenda. Envolveu-se, também, na vida política, sendo vereador em várias legislaturas. Mais tarde, porém, teve de vender a tradicional fazenda para pagar uma dívida hipotecária aos herdeiros do Barão de Diamantina, Francisco José de Vasconcelos Lessa.

Do casamento de D. Francisca Cândida com o Dr. Joaquim Antônio Pereira da Cunha não houve descendência. D. Francisca Cândida faleceu em 22 de agosto de 1863.

Ainda no período em que a fazenda pertencia ao Dr. Joaquim Antônio Pereira da Cunha, mais precisamente em fevereiro de 1848, durante a excursão de D. Pedro II à região, a “Fazenda do Governo” recebeu-o para almoçar. Prosseguindo viagem, o Imperador pernitoiu além da Vila de Paraíba do Sul, na “Fazenda da Boa Vista”, do coronel João Gomes Ribeiro de Avelar. A passagem do Imperador pela “Fazenda do Governo” foi um marco em sua história. Ela denota a importância da fazenda na região, por ter sido escolhida como um dos pontos de parada.

A “Fazenda do Governo” foi fotografada em 1858 pelo francês Victor Frond, fotógrafo com oficina no Rio de Janeiro e daguerreotipista. Foi o primeiro a registrar a vida dos escravos no Brasil através da fotografia. Convidou

Charles Ribeyrolles para escrever o texto francês do livro *Brasil pitoresco*. Este livro constituía ambicioso projeto para a época; nele, Frond reuniu um conjunto de 74 imagens, que retratavam paisagens, aspectos da vida cotidiana e tipos humanos. O livro foi editado em 1859, pela Tipografia Nacional (Brasil).

Matias Bernardino Alexandre foi o undécimo proprietário da “Fazenda do Governo”. É descrito nos relatos como uma “pessoa curiosa, polaca de nascimento”. Como proprietário da “Governo”, desenvolveu grande atividade, conseguindo aumentar significativamente seu pecúlio, tornando-se protetor de todos os seus vizinhos. Isso lhe valeu gozar de grande renome na região e, em 1873, foi agraciado com a Comenda da Ordem de Cristo, “em atenção aos relevantes serviços prestados à instrução pública da sua freguesia”. Com a morte do Comendador Matias Bernardino Alexandre, a “Fazenda do Governo” passou a pertencer a seus sobrinhos, naturais da Polônia. Esses foram os duodécimos proprietários da Fazenda do Governo e por apenas dois anos, de 1879 a 1880.

O Dr. José Gonçalves Viriato de Medeiros foi o décimo terceiro proprietário da “Fazenda do Governo”, de 1880 a 1896. Era o Dr. José Gonçalves Viriato de Medeiros “cearense de cultura jurídica incomum”, casado com D. Sara Blackall, natural de Londres, e viúva do industrial italiano Del Vecchio. Este, por razões políticas, teve de fugir para a Inglaterra em companhia de Giusep Mazzini, patriota italiano fundador da sociedade secreta Jovem Itália, que conspirou pela unificação da Itália. Este novo proprietário mudou o nome da fazenda para o da cidade em que nascera – Sobral, hoje município do Estado do Ceará. Do matrimônio nasceram três filhos: Eugênia, que se casou com o Dr. Antônio José Miranda Carvalho; Armando e Estér. O décimo quarto proprietário, em ordem cronológica, da antiga “Bom-Governo”, foi o Dr. Antônio José de Miranda Carvalho, genro do Dr. José Gonçalves Viriato de Medeiros, médico, descendente de família sul-paraibana de origem mineira, havia mais de um século domiciliada neste município. O Dr. Miranda Carvalho foi presidente da Câmara Municipal de Paraíba do Sul.

Sempre opinou ser dever urgente e medida de salvação pública a construção do sistema de abastecimento de água e da rede de esgotos para aquele distrito. Afastando-se da política por achá-la francamente contrária aos interesses públicos, dedicou-se ao cultivo de suas terras.

Em 1930, com a vitória da Revolução, foi convidado a ser presidente do Conselho Consultivo do Município, cargo que exerceu até 1935, quando se demitiu, tal a divergência de idéias e princípios com o prefeito da época. Com sua morte, ocorrida em 1940, passou a “Fazenda do Eremitório” – que havia sido assim batizada por ele devido à solidão daquelas florestas – a seus filhos. Estes venderam a propriedade em 23 de março de 1954, a Milton de Souza Carvalho, possuidor de grande experiência no ramo imobiliário. Ele dividiu a área em mais de cem sítios ou lotes, terrenos prontos para qualquer construção, geralmente utilizados como estabelecimento agrícola para pequena lavoura e denominou esse loteamento de “Parque Maravilha”. Os sítios foram numerados, e o que tomou o nº 114 abrangia uma área de 18 alqueires, isto é, 762.190 m², onde está localizada a sede da “Fazenda Eremitório”.

O dito sítio foi vendido em 26 de fevereiro de 1957, por permuta com outras terras, a José Ramos Carlos, que o vendeu, em 5 de maio de 1961, a Antônio Esteves dos Reis, mesmo tendo prometido vendê-las a Moacyr Nogueira Pereira. Segundo a tradição oral da região, Moacyr Nogueira Pereira, por se considerar legítimo possuidor, transferiu sua posse a Antônio Nogueira, no período entre 1959 e 1960. Antônio Nogueira devastou árvores para vender madeira e demoliu o prédio do antigo engenho de açúcar. Foi o que restou do Sr. Nogueira na memória coletiva; seu nome não é mais citado nos relatos orais.

Antônio Esteves dos Reis vendeu seu sítio, em 16 de janeiro de 1960, a Altamiro Figueira, sua mulher Anair Gabriel Figueira e suas três filhas casadas, cabendo a cada qual, uma quarta parte da propriedade. Altamiro Figueira e sua mulher, já haviam adquirido do espólio de Milton de Souza Carvalho, a parte restante da propriedade – na realidade a maior parte – com 1.923.570 m², resultado do remembramento de vários sítios.

Por escritura de 3 de janeiro de 1975, Altamiro Figueira e sua mulher venderam o sítio com a sede para a atual proprietária, que, na mesma data, comprou a supracitada parte restante da propriedade do mesmo Altamiro Figueira, sua mulher e suas filhas. A usina de força hidráulica, ainda existente e funcionando, foi construída por Milton de Souza Carvalho e filhos, na década de 1950, quando loteou a propriedade, aparentemente com o objetivo de suprir todo o loteamento de energia. O velho pavilhão que existe perto da sede é muito antigo; contemporâneo da sede, e teve várias utilizações. No Brasil Colônia, talvez tivesse sido sede da Fiscalização da Pesagem de Ouro (Paraíba do Sul era um ponto estratégico para a saída de ouro de Minas Gerais). Miranda Carvalho transformou o pavilhão em colégio, Altamiro fez ali um curral. O referido pavilhão foi restaurado pela atual proprietária, visando restabelecer o seu provável aspecto original. A “Fazenda do Governo” hoje é chamada “Fazenda Maravilha”.

Resumo do texto original produzido por Maria Beltrão para a revista *Brasilis*. Volume 2 Número 1 . novembro/dezembro de 2005. p. 65-78